

DOSSIÊ PARA CANDIDATURA À MESTRE DA CULTURA POPULAR

MESTRE D. GERTA DA CANA VERDE DO MUCURIBE (GERTRUDES FERREIRA DOS SANTOS)



1. Histórico da Candidata à Mestra da cultura Popular do Estado do Ceará.

A senhora GERTRUDES FERREIRA DOS SANTOS nasceu em Fortaleza em 3 de setembro de 1927. Reside hoje na rua Terra e Mar número 65, no bairro do Mucuribe, no município de Fortaleza.

Ela é dona de casa, rendeira e labirinteira desde os sete anos de idade. Faz parte hoje do Lar Fabiano de Cristo para quem repassa a produção de suas rendas em troca de alimentos.

Aos dezoitos anos, em 1945, casa-se com o Sr. José dos Santos, que desde os 15 anos era brincante da Cana Verde onde fazia o papel de Rei. Na época, a Cana Verde tinha como mestre o Sr. Zeca Três Veis. Dona Gerta se envolve totalmente na Cana Verde para ajudar o marido e os amigos. Cuida do figurino e do apoio necessário ao grupo. Aprende suas músicas, sua encenação, história e significados simbólicos.

Posteriormente o Sr. José dos Santos assume a liderança da Cana Verde no Mucuripe, pois como era afilhado do antigo Mestre, e, na impossibilidade deste continuar, resolve ele manter a brincadeira com o grupo, sempre auxiliado por D. Gerta.

Com o falecimento do Sr. José dos Santos, D. Gertrudes assume a Cana verde do Mucuripe como uma forma de manter viva a lembrança do marido por meio da brincadeira que por tanto tempo mantiveram juntos. Dona Gertrudes é hoje a depositária da memória de toda a simbologia de representação da Cana Verde. É ela que repassa as músicas, passos, figurino, adereços e significados para 34 brincantes no grupo composto por filha, netos e amigos da comunidade de pescadores.

D. Gerta reside numa casa pequena (sala, quarto, cosinha), com mais 5 pessoas sendo estes uma filha, três netos e um companheiro pescador. É pensionista do INSS percebendo um salário pagando água encanada e energia elétrica.

D. Gertrudes tem levado sua Caninha para vários eventos no Centro Dragão do Mar, no Teatro José de Alencar, no Centro de Convenções e praças públicas de nossa cidade. Participou em 2004 dos festejos comemorativos do dia do Folclore, do aniversário de Fortaleza à convite da FUNCET, da programação do dia 17 do TJA, sendo um dos grupos tradicionais de nosso município que se apresentou no Festival Vida e Arte no início deste ano.



2. Apresentação da Manifestação popular coordenada por Dona Gertrudes – fragmentos do artigo apresentado no Festival de Danças Folclóricas de Blumenau em 2004 (ver folder em anexo).



A CANINHA VERDE NO CEARÁ

UM ESTUDO COMPARATIVO TENDO COMO REFERÊNCIA ESTA MESMA MANIFESTAÇÃO EM OUTROS ESTADOS.

Maria de LOURDES MACENA Filha¹

RESUMO

A Caninha Verde chegou ao Ceará pela praia de Aracati trazida pelo português João Francisco Simões de Albuquerque por volta de 1919. Observando esta mesma manifestação em outros estados brasileiros, percebe-se que nesta terra cearense ela se aclimatou recebendo outras características, apesar de manter com fidelidade seus traços ibéricos nos aspectos musicais, coreográficos e no figurino. Permanece até hoje sendo dançada, brincada pelos pescadores das praias do Mucuripe e Iguape nas festas sociais da comunidade apesar de no início ter sido um cordão carnavalesco.

¹ Mestre em Gestão em Negócios Turísticos, coordenadora do Curso de Especialização em Cultura Folclórica Aplicada do CEFET/CE onde é professora e pesquisadora de Folclore integrando o Grupo Multidisciplinar e Interinstitucional de estudos e pesquisas em Cultura Popular Tradicional. E-mail: lumacena@cefet/ce.br

1. INTRODUÇÃO

A caninha-verde, segundo Câmara Cascudo (1972), é uma das danças populares da região do Minho, em Portugal. Foi introduzida no Brasil, como nos informa a professora Elzenir Colares(1978), no ciclo da cana-de-açúcar.

Observando vários levantamentos de autores diversos como Zaide Maciel, Amália Giffoni, Paixão Cortes e Barbosa Lessa, Cássia Frade, Câmara Cascudo, Aloísio Alencar Pinto, percebo que esta manifestação tem formas distintas na maioria dos estados apesar de ter alguns fragmentos comuns.

Em São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul, ela é dança de Fandango², porém costuma-se às vezes ser vista como dança independente. É importante destacar que, em São Paulo, já foi presenciado a Cana Verde executada após o Cateretê. Em Minas Gerais, temos a Cana Verde de passagem. No Rio de Janeiro, existe a Caninha verde com bastões, a Cana verde valseada e a cana verde marcada. A meu ver, o que Cássia Frade(1985), denominou de “cana verde marcada” coincide coreograficamente com o que bem anteriormente Luciano Gallet(1934), registrou como “cana verde de oito” e, posteriormente Amália Giffoni chamou de “cana verde de passagem”. Ou seja, eles se referiam à Cana verde formada por círculo de quatro pessoas, sendo dois pares frente a frente em cada círculo para executarem uma passagem de mão descrevendo um oito. Esta seria a parte principal da dança.

Surpreendeu-me a inclusão da Caninha Verde feita pelo musicólogo Luciano Gallet numa listagem de danças negras, implantadas no Brasil, como também o fato deste autor ter considerado a mesma de origem nacional, no que Renato Almeida concordou posteriormente (Renato Almeida apud. Joaquim Ribeiro, 1977). Acho que, talvez, por terem sido estes registros sobre a manifestação, estudos pioneiros em nosso país, haja vista que são da década de 30, como também o fato de não serem muito aprofundados.

² No Sul do país, Fandango é um baile, uma festa onde se executa várias danças.

Poderia dizer que o trabalho mais significativo sobre a origem da Cana verde que conheço é o de Joaquim Ribeiro(1977), onde ele enfatiza a caninha verde como “dança Minhota”, surgida nas zonas de produção de vinhos, pois em Portugal chama-se de cana verde “aos vinhos produzidos por vinhas doentes”. Sendo assim, cana verde, ou caninha, se referia a bebida e nada tinha a ver com cana-de-açúcar, especificamente. Acontece que os colonizadores Minhotos trouxeram essa dança para o Brasil, que se adaptou e se aclimatou no meio rural, principalmente, em zonas canavieiras “dada a identificação puramente verbal da cana verde com a cana-de-açúcar (idem)”.

Só discordo de Joaquim Ribeiro quando ele diz que no nordeste a cana verde não teve muita repercussão, pois em nosso estado, no Ceará, a cana verde é uma das mais interessantes manifestações que temos, sendo inclusive registrada por Aloísio Alencar Pinto, como sendo provavelmente “o mais completo registro de cana-verde do Brasil³”.

O estudo comparativo que propus como tema, objetiva estabelecer parâmetros já conhecidos desta manifestação em outros estados, buscando possibilitar um maior entendimento de como ela acontece no Ceará, como também indicar as diferenças, a diversidade desta mesma manifestação.

2. A CANA VERDE CEARENSE E A RELAÇÃO COM OS OUTROS ESTADOS

Histórico

Somente três pessoas no Ceará escreveram sobre a caninha-verde: Elzenir Colares, Florival Seraine e Ivan Regis de A. Frota. Em nível nacional, a única abordagem sobre a nossa caninha que conheço é de Aloísio Alencar Pinto. Infelizmente todos esses estudos foram muito elementares, sendo que destes, os de Elzenir Colares e Alencar Pinto trouxeram contribuições mais significativas.

³ PINTO, Aloísio Alencar. Contra-capa do disco Cana-verde/ Ceará – Documentário sonoro do Folclore Brasileiro no. 37.

Segundo a pesquisa da Professora Elzenir Colares, foi na praia de Aracati onde a Cana-verde apontou pela primeira vez, trazida por João Francisco Simões de Albuquerque, vindo de Moçambique.

Dona Gertrudes Ferreira dos Santos, de 78 anos, é quem dirige hoje a Cana-verde do Mucuripe. De acordo com suas informações⁴, a Cana-verde foi introduzida no Ceará por volta de 1919 pelo português João Francisco Simões, sendo seu sucessor Pedro Mãe Chica(popularmente conhecido como “Chico Man Chico”). Depois ela foi entregue para “Zeca três vês”, este renunciando para José dos Santos que dançava a Cana-verde desde os 15 anos.

A esposa do Senhor José dos Santos, D. Gertrudes, passou a fazer a Caninha-verde desde o falecimento deste. D. Gerta destaca toda a simbologia dos elementos representativos da Caninha Verde guardadas na memória e oralidade de seus brincantes. Ela enfatiza que o nome Cana-verde era devido as vestimentas verde e amarela dos brincantes que representa a cana de açúcar, do caule à palha, sendo complemento de sua vestimenta o chapéu representando o pendão do Canavial, quando as canas estão maduras no ponto de ir para o engenho.

Na realidade, esta explicação de D. Gertrudes serve como exemplo para o que Joaquim Ribeiro⁵ ressaltou como “aclimações, localizações de temas”, tão comuns nos fatos folclóricos, pois podemos verificar através de alguns versos da Cana do Ceará a confirmação da referência de Joaquim Ribeiro sobre a Cana-verde como espécie de bebida Minhota produzida por vinhas doentes. Sendo assim, fica claro que o significado de “Cana-verde” para os grupos do Ceará que fazem esta manifestação, já não é o mesmo de antes, quando de sua entrada no Brasil.

Período e local da apresentação.

⁴ Entrevista à autora- documento sonoro particular (gravação –fita cassete) à disposição- Mucuripe e Iguape- 1990-1992

⁵ RIBEIRO, obra citada p. 62.

Primeiramente foi uma espécie de bloco carnavalesco se apresentando somente no período momino de uma forma simples numa seqüência de 14 cantigas. Depois a manifestação passou a se fazer presente em outras festas da comunidade incluindo outros aspectos como: um casamento matuto - auto de forma cômica executado durante o período junino; a figura de um rei que autoriza o início do folguedo, durante o período natalino.

Além destas datas a Caninha ainda pode ser vista na época de reis (de 01 a 06 de janeiro), na noite de São Pedro e na festa de Santa Terezinha, no dia 03 de outubro (padroeira da colônia de pescadores onde vivem os que fazem a manifestação).

Anteriormente uma boa parte destas apresentações aconteciam na própria colônia, em frente à Igreja de São Pedro e nas praias do Mucuripe e Iguape. Atualmente a Caninha só se apresenta quando é solicitada.

Local de ensaio.

Antigamente eles ensaiavam numa casa desocupada pertencente ao cunhado do “Zeca três vês”, agora que a casa se encontra com D. Gertrudes ela não tem onde ensaiar. Eles se reúnem na cozinha de sua casa e preparam a brincadeira neste espaço de mais ou menos 2m x 3m e nossa equipe não entendeu como eles conseguem se movimentar num espaço tão pequeno.

Infelizmente devido ao período em que o Ceará ficou, sem uma política cultural governamental de incentivo, proteção, valorização e divulgação dos folguedos.; fez com que a maioria desses grupos passe por verdadeiras privações e necessidades para realizar suas brincadeiras, haja vista um grupo como o da Cana-verde, cuja indumentária é toda no cetim, com enfeites, plumas e pedrarias. Importante este momento em que o Governo do Estado do Ceará, se preocupa em estabelecer uma política cultural governamental voltada para a cultura tradicional popular do nosso estado.

Localização da manifestação.

Podemos encontrar a Cana-verde cearense nas praias do Iguape, Majorlândia (Aracati), Mucuripe e até na fronteira com o Rio Grande do Norte em Tibau, de acordo com Florival Seraine e Elzenir Colares. Nossa pesquisa se deu na colônia de pescadores do Mucuripe, no Morro Santa Terezinha. Fizemos também uma coleta na praia do Iguape, porém, não tão completa como a anteriormente mencionada.

Personagens, história e participantes.

De acordo com tudo o que li, acho que é exatamente neste ponto que se inicia as grandes diferenças entre a cana-verde do Ceará com as de outros estados. É provável que em nenhum outro lugar a Cana-verde tenha personagens definidos e uma “estória” a ser representada através da brincadeira como acontece com a Cana-verde cearense.

Os personagens são: o Rei, Vassallos, casal de noivos, padre, sacristão, família dos noivos e os convidados que formam os cordões. Quem fazia o noivo anteriormente, geralmente era o mestre, que normalmente também “tirava” (cantava) os versos principais para os demais repetirem. Hoje, com o falecimento deste, é D. Gerta quem decide sobre quem vai fazer o noivo.



D. Gertudes nos falou que a Cana-verde procura mostrar o casamento no canavial. De certa forma, esta explicação nos dá uma noção da estrutura da apresentação da caninha. Assim ela se expressou:

“Naquela época, pra gente possuir um esposo tinha que falar com sua Majestade. Pois é isso que mostramos. O Rei fica no centro, para que na hora em que o moço (noivo-mestre) for pedir a moça (noiva que fica ao lado do Rei) em casamento, os pais não dão, os irmãos não dão, quem dá a licença é a Majestade, o Rei”. Então é isto, a brincadeira representa o pedido, a licença e a festa do casamento da Maria Culodina (Claudina) com o Sr. Mané da Balaiada. A parte mais longa é do sacristão, porém hoje em dia eles não a fazem mais.

Somam 34 o número de participantes da Cana-verde, entre músicos, dançarinos, adultos, crianças, e velhos. Todos eles são pescadores tendo pessoas da família e da comunidade. Antigamente na Cana-verde do Mucuripe só participavam homens, hoje existe a participação da mulher como na Cana do Iguape.

Perguntada sobre o que representava a Cana-verde para ela, D. Gertrudes respondeu:

“A Cana-verde é uma lembrança ou várias lembranças, nela eu vejo meu marido, meus filhos, parentes e amigos que já foram, por isso vou fazê-la até morrer e aí deixarei para uma destas moças (aponta para as filhas) continuarem a fazer assim como eu e tantos outros”.

E assim falando, seus olhos cheios de lágrimas e a voz entrecortada, mostravam-nos toda a emoção e a veracidade daquilo que dizia.

Meios de subsistência.

O grupo não pede coletas (doações, esmolas) durante sua apresentação, porém para se apresentar fora de sua comunidade a convite de outros, eles cobram cachê e este é rateado entre todos. Anteriormente cada elemento do grupo procurava patrocinar sua própria fantasia com o pouco recurso que dispunha. Hoje, D. Gerta é quem dispõe e mantém todo o figurino. Percebe-se que o grupo tem uma relativa noção da importância cultural desta manifestação para as pessoas e entidades ligadas à cultura, fato este que os leva a geralmente só se apresentarem com cachê.

Indumentária, adereços e outros usos.

A indumentária da Cana-Verde cearense difere dos outros estados em todos os aspectos. O modelo, no geral, lembra o colonizador português, com algumas variantes. As cores predominantes são o verde e o amarelo, da bandeira do Brasil, usando também o vermelho, da bandeira portuguesa, e o nosso azul e branco.

Eis, na íntegra, a vestimenta de todos os participantes:

Rei: espécie de casaca tradicional, usada com uma Braga (calção até o joelho), de cetim ouro ou lamê. Camisa branca por dentro da casaca, faixa larga na cintura, capa de veludo vermelha ou azul, espécie de cetro cheio de pedrarias na mão, coroa, lembrando a usada por D. Pedro II. No Iguape, o Rei usa roupa no estilo Luís XV, toda brilhosa.

Mastro do Rei: é um pedaço de pau enfeitado com fita amarela e verde com um grande laço na parte de cima, representando um pé de cana.

Noiva: Vestido de noiva comum.

Padre: veste-se como os demais brincantes, só que acrescentando uma estola por cima da roupa. No Iguape, ele se veste de batina de padre.

Noivo: (Manuel da Balaiada) Também se veste como os brincantes, acrescentando apenas uma faixa verde, diagonal, por cima da camisa (como faixa de miss).

Príncipes: mesma vestimenta que os brincantes só que no lugar do chapéu eles usam uma coroa, e uma capa por sobre os ombros. No Iguape eles se vestem com roupas da corte portuguesa no Brasil.

Vassalos: usa a mesma roupa do cordão só que um usa o estandarte da cana e o outro, a bandeira.

Brincantes dos cordões (família dos noivos):

Homens – **Roupa** – calça verde tipo Braga, bombachinha, camisa amarela de mangas compridas, lenços com estampas floridas no pescoço. Sendo a calça, a camisa e o lenço de cetim ou seda laqué. Variante no Iguape: calça verde comum, camisa amarela de gola e punhos verde, com lenço verde na mão. **Sapatos** – congas brancos com meias vermelhas. No Iguape usa-se as meias brancas. **Chapéu** – cobertos com cetim verde, com aljôfares, brilhos, espelho, pena de pavão e um laço amarelo. Feito com dois tipos de conta: uma pequenininha que cerca o espelho e outra maior para dar outra volta, dando maior beleza. Quanto mais enfeitado, melhor. **Faixa** – na cintura tem uma faixa vermelha com franjas amarelas na ponta.

Adereços – **Bandeira** – Representa o pendão da cana, e o papagaio, que é o símbolo da cana-verde. Quem dança com ela é um dos vassalos próximo ao Rei. É de cetim branco, sendo papagaio todo bordado ou aplicado. **Estandarte** – também é de cetim branco, ou verde. Nela tem os pezinhos de cana e a época que estão brincando, bordado, pintado ou aplicado. É usado por outro vassalo. **Pandeiros** – enfeitados com fitas e pintados. Às vezes eles se apresentam sem pandeiros porque ninguém quer comprar. Antigamente era feito de lata de doce, onde eles abriam buraquinhos nas laterais para colocação de moedas ou tampinhas de refrigerante como se fosse pratinelas do pandeiro. Hoje em dia eles preferem comprar já pronto no comércio, o que é bastante compreensível, são as aclimações à realidade tão comentada por autores como Édson Carneiro e outros, é a dinâmica cultural do folclore, da cultura tradicional popular.

É importante destacar que, no início, na Cana-verde do Mucuripe só dançavam homens e bem posteriormente, gradativamente é que as mulheres foram ganhando seu espaço. Já na Cana do Iguape sempre dançaram homens e mulheres indistintamente. Sendo assim, a indumentária feminina nas duas cenas é a seguinte: **No Mucuripe** – elas se vestem igual aos homens. **No Iguape** - saia até os joelhos na cor verde, blusa amarela, lenço verde na mão, meia da cor da perna e chapéu igual ao dos homens, lenço vermelho no pescoço.

Perguntei a D. Gertrudes porque em algumas apresentações que assisti da Cana-verde, as mulheres estavam de saia e lenço, já que na Cana do Mucuripe elas se vestem igual aos homens, como já comentei. Ela assim respondeu: “... *elas se acham feias de roupas de homens, querem usar saia, então deixo, num vô quebrar a cabeça, mas lenço fica cigano, melhor mesmo é o chapéu. Mesmo assim algumas teimam e usam lenço, que posso fazer? Num posso matar?*” sorri.

Vale ressaltar, que em nenhum registro que já foi feito dessa manifestação cearense (Florival Seraine e Elzenir Colares), consta a indumentária à moda portuguesa (saias, coletes, blusas, calças, camisas, faixas, lenços nas cores predominantes – preto e branco – etc) que alguns grupos parafolclóricos teimam em mostrar. Perguntamos a várias pessoas sobre o fato tanto no Mucuripe como no Iguape, e ninguém conhecia tal caninha.

Para eles, a Cana-verde, seja do Iguape ou do Mucuripe, sempre teve como predominante em sua indumentária as cores verde e amarela, e o modelo descrito acima.

2.8 Estrutura Musical

A música da Cana-verde (as cantigas, como eles chamam) já é conhecida e os brincantes cantam de cor. Às vezes improvisam um ou dois versos, porém, percebemos que o conteúdo musical já é decorado por todos. Os ritmos

predominantes são marcha, xote e rojão⁶. A estrutura musical é estrofe-refrão, sendo dividida em várias partes, onde cada parte tem um ritmo e um refrão diferente contendo várias estrofes. A música é tirada sempre pelo mestre e repetida em coro pelos brincantes.

Os instrumentos musicais são: o violão, o cavaquinho, bandolim, surdo e pandeiro.

2.8.1.- Análise e Partes Musicais

2.8.1.1- Cana-verde/ Ce – Iguape (Pesquisa da FUNARTE – Prof. Aloísio de Alencar Pinto – convênio Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro.)

1 – A MINHA CANINHA-VERDE (abertura)

Solo: A minha caninha-verde
A minha verde-caninha } Bis
E salpicada de amor
E de amor salpicadinha } Bis
Coro: E a minha caninha-verde... (refrão)
Solo: Tu era quem me dizia
E eu era quem duvidava } Bis
E pelo fim do nosso amor
E tu era quem me deixava } Bis
Coro: E a minha caninha-verde... (refrão)
Solo: E peguei a cana do lemo
E eu fui a Ri de Janeiro } Bis
E viva todos que nós samo
E o pavilhão brasileiro } Bis
Coro: E a minha caninha-verde... (refrão)
3. SORRI, QUÁ, QUÁ

Solo: Sorri, quá, quá,
Muita gente há de chora. } Bis
Sorri, quá, quá,
Quando o carnaval passa. } Bis
Coro: Sorri, quá, quá... (refrão)
Solo: Na entrada de Lisboa
Tem dois belo chafariz. } Bis
E São Pedro lava o rosto

⁶ Rojão: marcha de andamento bem vivo e rápido. Segundo Cascudo pode ser também: trecho musical tocado por viola ou rabeca entre um verso e outro dos cantadores nordestinos (1910), duração medida, estilo de cantoria, cadência, ritmo de velocidade (1918) – CASCUDO, obra citada, p. 787.

São José o seu nariz. } Bis
Coro: Sorri, quá, quá... (refrão)
Solo: O pendão da cana-verde
Caiu n'água e se moiô. } Bis
E o amo que tu me tinha
Era pouco e se acabô.
Coro: Sorri, quá, quá... (refrão)
Solo: Aprantei caninha-verde
Com três braça de fundura. } Bis
Quando foi na outra noite
Já tinha cana madura. } Bis
Coro: Sorri, quá, quá... (refrão)

4. EU NÃO VENDENDO

Solo: Eu não vendo
O meu papagaio no Brasil. } Bis
Eu não vendo
O meu papagaio no Brasil. } Bis
Coro: Mais eu não vendo... (refrão)

Solo: Meu papagaio
Dos incuantos (encantos) amarelo. } Bis
Se tu fô lá, o Brasil
Dá um beijo na donzela do Brasil. } Bis
Coro: Mais eu não vendo... (refrão)
Solo: Meu papagaio
Pé de lô (ouro) bico de prata. } Bis
Se tu fô lá o Brasil
Dá um beijo na mulata do Brasil. } Bis
Coro: Mais eu não vendo... (refrão)
Solo: Meu papagaio
Pé de prata, bico de ouro. } Bis
Se tu fô lá o Brasil
Me dá um beijo, meu louro, no Brasil. } Bis
Coro: Mais eu não vendo... (refrão)

4- GALO, GALO, GALO, GALO

Solo: Galo, Galo, Galo, Galo
Galo, galo já morreu. } Bis
E Sá Maria mate o galo
Quem dá o tempero sou eu. } Bis
Coro: E galo, galo, galo, galo... (refrão)
Solo: Ai galo, galo, galo, galo, O galo fez corococô. } Bis
E Sá Maria apronte o galo

Prá mandá pru seu doto. } Bis
Coro: E galo, galo, galo, galo... (refrão)
Solo: Galo, galo, galo, galo,
Galo, galo já morreu. } Bis
E Sá Maria pegue o galo
Qui tá no terreiro é meu. } Bis
Coro: E galo, galo, galo, galo... (refrão)
5. MENINA TU VAI O BAILE

Solo: Menina tu vai o baile
Meu benzinho eu vô. } Bis
Leva saia de balão
Brinca todos, todos, todos. } Bis
Brinca todos que aqui estão.
Coro: Menina tu vai o baile... (refrão)
Solo: Também tenho meu relógio
E meu correntão. } Bis
Pra sabe que hora são
Brinca todos, todos, todos. } Bis
Brinca todos que aqui estão.
Coro ; Menina tu vai o baile... (refrão)

6. CANINHA-VERDE, ADEUS, ADEUS (despedida)

Solo: Caninha-verde, adeus, adeus,
Caninha-verde qu'eu já me vô. } Bis
Caninha-verde até para o ano
Caninha-verde s'eu vivo fô. } Bis
Coro: Caninha-verde, adeus, adeus... (refrão)
Solo: Dono da casa, adeus, adeus,
Dono da casa qu'eu já me vô. } Bis
Dono da casa até para o ano
.Dono da casa s'eu vivo fô. } Bis
Coro: Caninha-verde, adeus, adeus... (refrão)
Solo: Ai, meus amigos, adeus, adeus,
Ai, meus amigos, eu já me vô. } bis
Ai, meus amigos até para o ano,
S'eu inda fô vivo, s'eu vivo fô. } Bis
Coro: Caninha-verde, adeus, adeus... (refrão)

2.8.1.2- CANINHA-VERDE (Iguape-CE)

(Pesquisa da Prof.^a Elzenir Colares em 1978)⁷

PARTE I (marcha)

Refrão: É tão belo os portugueses
É tão belo festejar
Senhor Reis já vai ao trono
Vamos todos festejar

Estrofes: 1- Senhor Reis me dê licença
Que eu quero perguntar. } Bis
Se o senhor nos dá licença
Para todos vadiar. } Bis

PARTE II (xote).

Refrão II: A minha caninha-verde
A minha verde-caninha. } Bis
Salpicada de amor
De amor salpicadinha. } Bis

Estrofes: 5- Eu aplantei a cana verde
Com uma braça de fundura. } Bis
Quando foi na outra noite
Já tinha cana madura. } Bis

PARTE III (baião, porém na pesquisa FUNARTE eles cantaram em ritmo de xote)

7- Galo, galo, galo, galo
Galo, galo já morreu. } Bis
D. Maria mate o galo
Quem dá o tempero sou eu. } Bis

PARTE IV (marcha)

Refrão III: Chover quá, quá,
Muita gente é de chorar
Chover, quá, quá
Quando o carnaval passar. } Bis

Estrofes: 9- O pendão da cana-verde
Caiu n'água e foi ao fundo. } Bis
Os peixinhos responderam
Viva d. Pedro II. } Bis

PARTE V (xote)

⁷ Documento sonoro particular à disposição.

Caninha verde adeus, adeus
Caninha verde eu já me vou. } Bis
Cana verde até para o ano
Cana verde se eu vivo for. } Bis

Oh! Meus amigos adeus, adeus
Oh! Meus amigos eu já me vou... } Bis

PARTE VI (marcha)

O pendão da cana verde
Caiu n'água e foi ao fundo
Coitadinhas das meninas
Que andam na bola do mundo

2.8.1.3- CANA VERDE (Mucuripe-Ce) (Pesquisa de campo da autora em 1990)⁸

PARTE I (xote)

Refrão: E a minha caninha verde
A minha verde caninha. } Bis
Salpicada de amor
Oi de amor salpicadinha. } Bis
(repete refrão)

Estrofes: 1- Eu a plantei caninha verde
Com três palmos de fundura. } Bis
Quando foi no outro dia
Eu já chupei cana madura. } Bis
(refrão I)

2- A essa nossa brincadeira
Está na ponta olé, olé. } Bis
Ah quem chamou rapaziada
Para todo mundo ver. } Bis

PARTE II (marcha)

Refrão: Lá vem baiana na barra do porto. } Bis
Quem morreu, morreu,
Quem não morreu, salvou-se. } Bis
(repete refrão)

Estrofes: 3- E a minha caninha verde

⁸ Documento sonoro particular da autora à disposição.

E a minha verde caninha. } Bis
Salpicada de amor
De amor salpicadinha. } Bis
(repete refrão 3 vezes)

PARTE III

Refrão: Eita sapo boi marinho
Eita boi marinho que vem dançar
(repete refrão 2 vezes)

Estrofes: 4- Ai o pendão da cana verde
Caiu n'água e flutuou. } Bis
E os peixinhos estão dizendo
O papai é amolador? } Bis
(repete refrão 2 vezes)

5- Ai o pendão da cana verde
Caiu n'água e foi ao fundo. } Bis
E os peixinhos estão dizendo
Viva D. Pedro II. } Bis
(repete refrão 2 vezes)

6- Ah essa nossa brincadeira
Está na ponta olé, olé. } Bis
Ah quem chamou rapaziada
Para todo mundo ver. } Bis
(repete refrão 2 vezes)

PARTE IV (marcha)

Refrão: É tão belos os portugueses
É tão belo festejar. } Bis
Nosso Rei já vai ao trono
Vamos todos festejar. } Bis
(repete refrão)

Estrofes: 7- A Maria Culodina
Quer ser Rei, quer ser Rainha. } Bis
Quer governar o empenho
Com a coroa da Rainha. } Bis

8- Licença vim eu pedir
Licença vim alcançar. } Bis

Vim pedir a Majestade
Licença para brincar. } Bis
(repete refrão)

9- Alevanta-te bom filho
Que sou Rei não sou Real. } Bis
Quando assubiu ao trono
Licença mandou te dar. } Bis

10- Licença fui eu pedir
Licença fui alcançar. } Bis
Fui pedir a Majestade
Licença para brincar. } Bis
(repete refrão)

PARTE V (xote)

Refrão: Papagaio cana verde
Da janela da cozinha. } Bis
E leva a carta, entrega a carta
A namorada Mariquinha. } Bis
(repete refrão)

Estrofes: 11- Quem quer bem salta parede
Salta muro ladreado. } Bis
Salta janela de vidro
Fechada com cadeado. } Bis
(repete refrão)

12- Ninguém vê o que eu vi ontem
Lá no gai do alecrim
Mas ninguém é o que eu vi ontem
Lá no gai do alecrim
Vi as pombinha cantando
Viva Senhor do Bonfim. } Bis

PARTE VI (rojão)

Refrão: Toada meu bem toada
Toada não quero mais. } Bis
É só por causa dessa toada, rapaz
Que a filha não quer seus pais. } Bis
(repete refrão)

Estrofes: 13- Arrastei tantas correntes

Pelas ruas da cidade. } Bis
As correntes não pesava, rapaz
Só a falsidade. } Bis
(repete refrão)

14- Tanta laranja madura
Tanto limão pelo chão. } Bis
Tanta mocinha bonita ah, ahi
Tanto rapaz bestalhão. } Bis
(repete refrão)

PARTE VII (marcha)

(Saida e despedida)

Refrão: Adeus Campinas de flores
Adeus terra onde eu morava. } Bis
Adeus meus amores
Até quando eu cá voltar. } Bis
(repete refrão)

Estrofes: 16- Essa nossa brincadeira
Está na ponta olé, olé. } Bis
Quem chamou rapaziada
Para todo mundo ver. } Bis
(repete refrão)

20- Se essa rua fosse minha
Eu mandava ladrear. } Bis
Com pedrinhas de diamante
Para meu amor passar. } Bis
(repete refrão)

21- Arrastei tantas correntes
Pelas ruas da cidade. } Bis
As correntes não pesava
Como a tua falsidade. } Bis
(repete refrão)

22- Adeus belos senhores
Adeus belas senhoras. } Bis
Cana verde se despede
Dá adeus e vai embora. } Bis
(repete refrão)

3. Fotos da candidata em sua residência e outros anexos, constando fotocópia do RG, CPF, comprovante de residência e outros.





4. Apresentação do Dossiê

Comissão Cearense de Folclore

Coordenação: Lourdes Macena

Colaboração:

Ronilson Lima – Especialização Cultura Folclórica – CEFET/CE

Anderson Costa – Letras UFC

Vandique Bastos – Grupo Mira Ira – CEFET/CE

4.1. Pessoas que poderão ser consultadas sobre a relevância e importância cultural da Mestre para a Cultura cearense:

Vera Miranda (Acervo Mucuripe – Morro Santa Terezinha)

Lourdes Macena

Elisa Gunther

Elzenir Colares

Valquíria Mendes

MESTRES DA CULTURA POPULAR CEARENSE



D. GERTA – CANA VERDE – MUCURIBE

FORTALEZA

